

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



PAYNE, Stanley G. (Denton, Texas, 1934)

Stanley George Payne (Denton, Texas, 1934) é um importante e controverso historiador hispanista. As suas áreas de especialização centram-se na história contemporânea de Espanha e na história do Fascismo. Além destas, a sua investigação inclui a história moderna de Espanha e Portugal e a história do fascismo na Europa Central e de Leste. Escreveu mais de 20 livros, tendo a sua produção começado desde cedo na sua carreira, em 1961. Além disso, publicou centenas de artigos em dezenas de revistas académicas e jornais.

Payne nasceu em Denton, no Texas, no seio de uma família protestante. O seu pai garantiu à família condições de vida modestas mas razoáveis durante o período da Grande Depressão, trabalhando como carpinteiro, enquanto a sua mãe estudou enfermagem e trabalhou brevemente como enfermeira, antes do seu casamento. A família deslocou-se para a Califórnia em 1944. Foi aí que iniciou a sua formação académica, no Pacific Union College, onde obteve a sua licenciatura, tendo depois transitado para a Universidade de Claremont, onde concluiu o seu mestrado. Daí viajou para a Costa Este, tendo efetuado o seu doutoramento na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. A sua orientação para a história de Espanha iniciou-se ainda na Universidade de Claremont e aprofundou-se na Universidade de Columbia (“Oral History...”, 2018).

Em 1968 iniciou a sua carreira como professor de História, tendo ensinado em cinco universidades americanas. Destacou-se a sua prolongada estadia na Universidade de Wisconsin-Madison, onde leccionou até 2005. Nesta universidade, o seu contacto com o historiador alemão radicado nos EUA George L. Mosse provou-se fundamental para a construção da sua perspetiva e abordagem sobre a história do fascismo, tendo sido influenciado pelas abordagens comparativa e culturalista. Em 1999 entrou para o Editorial da importante revista *Journal of Contemporary History*, criada por Mosse e Walter Laqueur décadas antes. Nesta, promoveu o seu legado e reorientou a mesma para o seu enfoque original: a história do fascismo (*The Journal of Contemporary History*, 2015, pp. 731-732). Encontra-se, atualmente, jubilado, tendo recebido da sua universidade o título de Professor Emérito (Francisco J. R. Jiménez, “Stanley Payne ¿Una trayectoria...?”, 2015, pp. 28-29).

Payne inovou em dois importantes sentidos distintos. Por um lado, escolheu investigar a história de um país que, segundo o próprio, praticamente não havia sido estudado nas Universidades por onde passou. Por outro lado, a sua investigação sobre o fascismo distinguiu-se devido à sua inovadora combinação da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

perspetiva comparada com a abordagem culturalista desenvolvida por Mosse. Esta abordagem caracterizou-se pelo ênfase da ideologia na análise do fascismo, definindo-a através do método da empatia metodológica. Este método desenvolvido por Mosse, e que permitia uma melhor compreensão do pensamento fascista, contribuiu fundamentalmente para uma posterior renovação dos estudos do fascismo, por volta da década de 1990 (Roger Griffin, *Fascism*, 2018, p. 40). Até lá, poucos foram os historiadores que o valorizaram e foram por si influenciados. Payne foi um deles, tendo investigado o fascismo segundo uma perspetiva “inside out” centrada nas fontes primárias (“*Oral History...*”, 2018).

Em 1960 o historiador terminou a sua tese doutoral denominada *José Antonio and the Beginning of Falange Española*, que conduziu à publicação do seu primeiro livro intitulado *Falange: A History of Spanish Fascism*. Esta obra destacou-se pela análise pioneira e distanciada do principal movimento fascista espanhol. Payne incluiu a empatia metodológica na sua análise ao centrá-la nas fontes primárias, nomeadamente nas obras dos líderes fascistas espanhóis. Através desta abordagem, conseguiu estabelecer as prematuras bases para a sua futura definição genérica do fascismo (Michael Seidman, “*Stanley G. Payne: An Intellectual Biography*”, 2008, p. xii). Além disso, apresentou logo nesta obra uma posição crítica que se consolidaria na sua carreira e se tornaria controversa, segundo a qual fora a esquerda a iniciar o ciclo de violência no qual os fascistas entraram, e portanto a desestabilizar a república em primeiro lugar (Idem, p. xi).

Nas décadas seguintes o autor produziu várias outras obras de destaque sobre a história contemporânea de Espanha e sobre o fascismo. Em 1967 publicou *Franco's Spain*, obra caracterizada por um olhar crítico sobre a construção da ditadura franquista, se bem que numa perspetiva que pretendeu ser distanciada e equilibrada (Idem, pp. xi-xii). Nas obras seguintes consolidou a sua posição de historiador conservador, crítico da esquerda republicana na guerra civil e promotor de uma perspetiva cada vez mais próxima das narrativas de direita. A sua profunda crítica da direita fascista espanhola foi contrabalançada pela acusação de que fora a esquerda a iniciar a violência, tendo-o defendido sobretudo depois da publicação da sua terceira obra, *The Spanish Revolution*, publicada em 1970. No livro *The Spanish Civil War, the Soviet Union, and Communism*, publicado em 2004, o autor argumentou que a Guerra Civil de Espanha se enquadrava não na dinâmica de luta entre o demoliberalismo e o fascismo, mas sim no confronto entre o revolucionarismo de esquerda e a contra-revolução direitista (Idem, p. xiv).

Em 1973 Payne publicou uma obra centrada não só em Espanha como também em Portugal. *A History of Spain and Portugal* saiu em dois volumes, nos quais o autor abordou de forma objetiva e comparativa a história moderna e contemporânea destes dois países. No segundo volume desta obra o autor apresentou aquela que seria a sua perspetiva quanto ao autoritarismo português contemporâneo. Segundo ele, o golpe de 28 de maio de 1926 havia produzido uma ditadura que se transformou não num regime fascista, mas sim num autoritarismo conservador, tradicionalista e corporativista, perspetiva partilhada com grande parte dos demais especialistas estrangeiros no estudo do Estado Novo (*A History of Portugal and Spain*, vol. II, 1973, pp. 663-684).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Durante este período, o autor foi-se progressivamente aproximando dos círculos intelectuais de direita espanhóis (Francisco J. R. Jiménez, “Stanley Payne ¿Una trayectoria...?”, 2015, pp. 25-26), enquanto se consolidou a sua posição como hispanista de renome, além de ter aprofundado os seus estudos sobre o fascismo. Em 1980, antecipando já a fase de renovação dos estudos do fascismo que culminaria na seguinte década, publicou *Fascism: Comparison and Definition*, obra na qual apresentou a sua proposta de definição genérica partindo da sua perspetiva conservadora, comparada e culturalista. Esta foi apresentada não como uma fórmula sucinta, mas sim na forma de uma elaborada mas objetiva descrição tipológica que incluiu vários elementos: as “negações fascistas” – o anti-liberalismo, anti-marxismo, anti-iluminismo, etc; os aspetos ideológicos e culturais – o nacionalismo, o culto à virilidade, à mística ascética, o decadentismo de fin de siècle, etc.; e por fim os socioeconómicos – as estruturas e dinâmicas dos movimentos e partidos fascistas (El fascismo, 2022, p. 16). Entre outras publicações, Payne lançou em 1995 *A History of Fascism, 1914-1945*, uma obra na qual consolidou os seus argumentos anteriores e apresentou uma visão mais ampla e aprofundada da história dos vários fascismos europeus. Em 2000 produziu outra obra de monta, *Fascism in Spain 1923-1977*, na qual apresentou uma análise mais consolidada do mesmo tema do seu primeiro livro – o movimento fascista espanhol FE de las JONS –, com base em fontes primárias e uma abordagem “inside out”.

Durante e após a vaga de renovação dos Estudos do fascismo, o autor aproximou-se da intelectualidade de direita espanhola que o levou a produzir obras mais controversas e a aumentar em Espanha a crítica sobre o seu modo de investigação. Uma das suas mais recentes obras, *Franco: a Personal and Political Biography*, publicada em 2014 em colaboração com o ensaísta de extrema-direita Jesús Palacios Tapias, foi fortemente criticada por grande parte dos historiadores espanhóis, considerada por muitos deles como uma hagiografia que não acrescentava novos factos ou reflexões ao debate académico sobre a figura de Franco. Na sequência disso, a produção historiográfica de Payne deixou de ser tão consensual e passou a ser considerada pela maioria dos historiadores espanhóis especializados no fascismo como parcial, representante das perspetivas da direita espanhola, no contexto de um combate intelectual que perdura até hoje (Francisco J. R. Jiménez, “Stanley Payne ¿Una trayectoria...?”, 2015, pp. 24-54).

Apesar disso, fora de Espanha Payne continua a ser maioritariamente considerado um reputado hispanista, dos mais importantes nos EUA, onde leccionou até 2005. O autor aposentou-se nesse ano e, como referido anteriormente, recebeu o título de professor emérito em 2008. As suas obras sobre o fascismo continuam a ser consideradas referências fundamentais no estudo do mesmo. Com a idade de 89 anos, este destacado historiador continua a pertencer ao Departamento de História desta mesma universidade, a escrever artigos e produzir obras históricas de elevada importância. O seu contributo para a história de Espanha e do Fascismo tornou-o uma referência na matéria.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia Ativa: A History of Fascism, 1914-1945, Madison, University of Wisconsin Press, 1995; A History of Spain and Portugal, 2 vols., Madison, University of Wisconsin Press, 1973; El fascismo, Madrid, Alianza Editorial, 2022; Falange: a History of Spanish Fascism, Madison, University of Wisconsin Press, 1961; Fascism in Spain, 1923-1977, Madison, University of Wisconsin Press, 2000; Franco: a Personal and Political Biography, Madison, Wisconsin University Press, 2014; “Oral History: Stanley G. Payne”. Entrevista por John Tortorice. George L. Mosse Program in History, Universidade de Wisconsin-Madison, 18 dezembro de 2018 (Audio 02:22:37, <https://mosseprogram.wisc.edu/2022/01/05/oral-history-stanley-payne/>); The Spanish Civil War, the Soviet Union, and Communism, New Haven, Yale University Press, 2004; The Spanish Revolution, Nova Iorque, Norton & Company, 1970; PAYNE, Stanley G., SORKIN, David J. e TORTORICE, John, What History Tells: George L. Mosse and the Culture of Modern Europe, Madison, University of Wisconsin Press, 2003.

Bibliografia Passiva: EVANS, Richard J., “The Journal of Contemporary History and its editors”. Journal of Contemporary History. 50, n.º 4, (outubro) 2015, pp. 710-737; GRIFFIN, Roger, Fascism, Cambridge, Polity Press, 2018; JÍMENEZ, Francisco J. R., “Stanley Payne ¿Una trayectoria académica ejemplar?”. Hispania Nova. Revista de Historia Contemporánea. Madrid, n.º 1, 2015, pp. 24-54; SEIDMAN, Michael, “Stanley G. Payne: An Intellectual Biography”. BUNK, Brian D., PACK, Sasha D. e SCOTT, Carl-Gustaf, Nation and Conflict in Modern Spain: Essays in Honor of Stanley G. Payne. Madison: Parallel Press, 2008.

Gonçalo Neves dos Santos